

Individualismo e a moderna configuração de valores: A perspectiva de Louis Dumont

Ronaldo da Costa Formiga (*)

Louis Dumont e a ideologia individualista

Louis Dumont é um antropólogo que, em sua extensa obra, nos traz um importante debate acerca da ideologia individualista que, segundo o autor, definiria a moderna configuração de valores. Com base em Tocqueville¹, Dumont estabelece um retrato da modernidade, designando certo número de fenômenos sociopolíticos assimilados como característicos da época moderna. Das amplas descrições socioetnológicas, que uma obra como “Homo hierarchicus”² apresenta sobre a estrutura social e mental da Índia às considerações profundas desenvolvidas em trabalhos como “Homo aequalis”³ e “Ensaio sobre o individualismo”⁴ acerca da história das ideias modernas, Dumont segue um roteiro analítico que parte da sociedade indiana e chega a nossa sociedade ocidental confrontando os valores do pensamento tradicional com os nossos próprios valores e tentando, assim, nos esclarecer quanto ao problemático (e original) caráter de nossos valores. Na verdade, a meta de Dumont não é, apenas, refletir sobre os valores ocidentais, mas de uma forma geral sobre aquilo que ele conceitua como sendo os valores da modernidade. Trata-se, para sermos bem claros, com Dumont, de uma interpretação individualista do sistema mental da modernidade. Estamos afirmando que, no centro da história moderna do sujeito, supõe-se uma virada individualista. O que faz a coerência da ideologia individualista em Dumont? O autor compara a sociedade hierárquica da Índia à reflexão sobre uma sociedade moderna percebida, por oposição, como igualitária. Temos, assim, duas grandes ideologias⁵ situadas em um nítido confronto, cada qual correspondendo a um tipo diferente de sociedade. A coerência se estabelece, portanto, pela oposição.

De um lado, a ideologia holista que valoriza a totalidade social e negligencia ou subordina o indivíduo humano. A esta ideologia corresponde a sociedade hierárquica⁶ onde a ordem resulta da

(*) Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj/Faetec).

¹ De Tocqueville, A. *De la démocratie en Amérique*. Paris, Ed. Garnier-Flammarion, 1981.

² Dumont, L. *Homo hierarchicus*. Le système des castes et ses implications. Paris: Gallimard, 1967.

³ Dumont, L. *Homo aequalis*. Paris: Gallimard, 1977.

⁴ Dumont, L. *Essais sur l'individualisme*. Paris: Éd. du Seuil, 1983.

⁵ É importante esclarecer que Dumont compreende por ideologia “um conjunto social de representações”, isto é, “o conjunto das ideias e valores comuns em uma sociedade”.

⁶ É o caso, por exemplo, do sistema indiano de castas.

afirmação de um valor (o valor do todo) e onde as partes ou os elementos (particularmente, os indivíduos) aparecem como essencialmente subordinados ao todo ou ao que expressa, encarna ou representa o todo.

De outro lado, a ideologia individualista, que valoriza o indivíduo em detrimento do todo. São várias as definições de Dumont para caracterizar o indivíduo: “ser independente e autônomo”; ser essencialmente não social”; “um ser que negligencia ou subordina a totalidade social”. A correspondência lógica dessa ideologia não é mais a sociedade hierárquica, mas a sociedade igualitária onde o indivíduo não é mais submisso a nenhuma outra ordem do que a ele próprio. O indivíduo é, assim, o valor supremo, eixo classificatório de uma nova etapa histórica, uma nova modalidade de sociedade. Observa-se o abandono de todo princípio de hierarquia em favor do princípio de igualdade⁷. Trata-se dessa modalidade de individualismo que constitui o “valor cardinal das sociedades modernas”, especialmente no registro econômico-político onde a aplicação do princípio de igualdade toma a forma do “liberalismo”.

Individualismo e holismo

Duas ideologias (holista e individualista) absolutamente contraditórias em seus princípios e mutuamente exclusivas. Em um interessante artigo⁸, Dumont assinala o perigo que representa a insistência em retomar o holismo no quadro das sociedades modernas. Uma vez rompida a bela totalidade que formava a sociedade hierárquica, o desejo de unidade em bases individualistas só poderia se reintroduzir sob a forma de uma vontade visceral em anular a atomização do social. O sentimento e/ou vontade de unidade nas sociedades igualitárias modernas padecendo de consenso só se restituiria em moldes, afirma o autor, totalitários ou terroristas⁹. Dumont está preocupado em

⁷ O princípio da igualdade, característico das sociedades ocidentais modernas, pode se fazer manifestar através de diferentes instâncias e diferentes reivindicações até mesmo em nosso comportamento cotidiano. Penso, por exemplo, na banalização da irreverência e em nosso íntimo sentimento de desprezo para com a própria ideia de autoridade. A ideologia individualista nos leva a sorrir, com o devido desdém, quando ouvimos falar de obediência e respeito. Uma outra questão a ser pensada, também, é o fenômeno da inveja enquanto um sentimento reivindicatório de igualdade quando nos deparamos com alguém—um outro indivíduo—que se apresenta como mais “individualizado” que nós mesmos. O que estaria empreendendo este “indivíduo” que ousa reinstaurar, pela excessiva individualização que lhe caracteriza (o sucesso profissional, a beleza, etc.), a lógica da hierarquia própria a um universo pré-moderno?

⁸ Ver “La maladie totalitaire. Individualisme et racisme chez Adolf Hitler”, in *Essais sur l’individualisme, une perspective anthropologique sur l’idéologie moderne*. Paris, Éd. du Seui, 1983.

⁹ É claro que podemos pensar em outras experiências e retotalização nas sociedades igualitárias, sem, obrigatoriamente, chegarmos aos extremos de uma ideologia nazista de que nos fala Dumont. Discutindo a relação entre maximização do prazer/otimização do corpo e maximização da vida/totalidade da pessoa, em um contexto social marcado pelo advento da epidemia da Aids, Luis Fernando Dias Duarte, em seu interessante artigo “O império dos sentidos: sensibilidade, sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna” aponta para as dificuldades de se pensar a questão da relação e sobretudo da totalidade em um universo marcado pela ideologia da individualização. A Antropologia tradicionalmente articula os conceitos de relação e totalidade e a cultura ocidental contemporânea se apresenta, pelos

estabelecer aquilo que ele denomina de gênese do individualismo moderno, ou seja, como já foi afirmado, unir a formação da ideologia individualista à própria gênese da modernidade. No livro “Ensaio sobre o individualismo, uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna”, o autor reflete sobre as dificuldades de se pensar o nascimento da modernidade a partir do tipo geral das sociedades holistas. Como um novo tipo de sociedade pode ter se desenvolvido do interior de uma sociedade em que a concepção comum era fundamentalmente contrária a esse novo horizonte cultural, cujo eixo paradigmático é o indivíduo? Como supor, pergunta-se Dumont, uma transição entre esses dois universos antitéticos, essas duas ideologias inconciliáveis? O autor destaca a possibilidade de uma transição direta, uma vez que não é apenas diante de um simples deslocamento cultural que estamos, mas de uma inversão de valores. Assim colocada a questão podemos prever, afirma Dumont, qual a possibilidade de sua solução. Esta se encontraria no interior da própria sociedade tradicional através da figura do renunciante. Este “renuncia ao mundo”, um mundo marcado pela primazia da totalidade, um mundo regido pela hierarquia. Ele funciona como uma possibilidade de reinterpretação individualista da lógica hierárquica. O renunciante aponta para um elemento onde o universo cultural começa a se movimentar no sentido sociedades hierárquicas/sociedade igualitária moderna. Na impossibilidade de uma transição direta entre os dois tipos de sociedade, o renunciante se apresenta como um elemento de mediação que antecipa o surgimento da nova lógica individualista a partir do interior da tradicional lógica hierárquica.

É muito interessante observar a caracterização estabelecida por Dumont da sociedade indiana em seu livro “Homo Hierarquicus”. Nesta obra, o autor traça um perfil dessa sociedade com base nos seguintes itens, todos eles entrelaçados e definindo uma única realidade cultural: holismo/relação/totalidade/ausência do indivíduo. A sociedade indiana, eminentemente holista, cria uma sólida interdependência entre seus membros, que é materializada através do sistema de castas. Este sistema promove a cada qual uma rede de obrigações coletivas¹⁰ que o une, de forma hereditária, aos outros membros da casta. Percebe-se, então, a presença de relações impositivas de grupo que não abrem espaço para o surgimento do indivíduo enquanto realidade autônoma. É, exatamente, o

motivos já expostos, como reticente a se conceber e institucionalizar a relação. Afirma Duarte: “O prazer não é senão uma das maneiras desse privilégio: cada sentido, cada experiência, cada núcleo específico de prazer é valorizado em relação ao portador individual do sistema nervoso que pode comportá-lo” (in Heilborn, M. *Sexualidade-o olhar das ciências sociais*, p.70, Ed. Jorge Zahar, 1999). A família, afirma Duarte, se apresenta como “uma das raras experiências de retotalização entre nós” (e, porque não, penso, afirmarmos, também, que a religião constitui entre nós uma outra experiência de retotalização, porque relacional e, da mesma forma, a psicanálise, também, constitui uma forma de retotalização, onde se apresentam divergências entre o indivíduo e seu projeto individualizado e as “estratégias reprodutivas da relação”).

¹⁰ O casamento seria um exemplo deste conjunto de obrigações coletivas.

contrário o que verificamos nas sociedades igualitárias. Nestas, ao invés da ênfase na perspectiva relacional, emerge o indivíduo e as livres iniciativas individuais. Podemos supor que através da figura do renunciante¹¹ ou da instituição da renúncia ao mundo surgia não só a possibilidade de acesso a uma “plena independência” apesar do sistema relacional de castas, como também já emergia virtualmente uma modalidade de pensamento através do qual o indivíduo é uma realidade em si. Dumont afirma que a figura do renunciante não é o lugar de uma tensão ou de uma contradição no seio da sociedade holista, mas ela seria capaz de potencialmente ser reinvestida de outro significado e abrir uma perspectiva pela qual o individualismo poderia se infiltrar.

Dessa maneira, o hinduísmo enquanto uma religião que estabelece a vivência, pelo crente, da fé no interior do mundo, através de sua submissão a toda uma rede de relações restritivas que expressam a ordem hierárquica da natureza, revela, ao mesmo tempo, o pressuposto de um “fora-do-mundo” e uma concepção da fé sob o modelo do desprendimento ascético ao mundo e aos seus preceitos. A figura do “sannyasi” (renunciante) no hinduísmo, afirma Dumont, revela o quanto o hinduísmo não é uma religião da renúncia a si (enquanto indivíduo) e da dissolução na ordem do mundo; ao contrário, é ao mundo que o renunciante renuncia, para consagrar-se a sua própria liberdade.

A mentalidade ocidental moderna na concepção de L. Dumont

Estamos diante, então, dos pressupostos de uma nova mentalidade: a mentalidade ocidental moderna, aquela onde o indivíduo é o princípio definidor de uma nova realidade cultural. A religião individual substitui a religião do grupo e o fundamento desta nova religião é a própria ausência de fundamentos ou, em outras palavras, o fundamento passa a ser a *escolha*, o que vai caracterizar a “plena independência” do indivíduo moderno. Chegamos à ideia de uma identidade, eminentemente, fluida, fragmentada que espelha e reforça um contexto sociocultural, essencialmente, híbrido¹². O trecho abaixo de Dumont, extraído de “Homo Hierarchicus” explica, com excelência, a aproximação feita pelo autor entre o renunciante no hinduísmo e o indivíduo ocidental contemporâneo:

¹¹ É curioso pensar a figura do renunciante a partir de um contexto igualitário moderno. A “renúncia ao mundo” pode ainda se fazer presente na contemporaneidade através, por exemplo, da rede virtual de comunicação, o ciberespaço. A lógica individualista, conforme já exposto anteriormente, não está isenta de retotalização e de um viés relacional. A identidade fragmentada e múltipla acessível através da comunicação virtual (a ‘World Wide Web’) pode ser compreendida, como uma estratégia de singularização em um contexto que, apesar de igualitário, preserva toda sua ênfase no relacional.

¹²Ver o trabalho de Canclini, N. G. “Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade”. SP: Edusp, 1998.

“Ele é submisso a um mestre que ele escolheu. Talvez ele tenha, inclusive, entrado em uma comunidade monástica, mas, essencialmente, ele só depende dele, ele é só. Abandonando o mundo, e, repentinamente, se muniu de uma individualidade, incômoda, sem dúvida, que ele deve transgredir ou apagar. Seu pensamento é o pensamento de um indivíduo. É o traço essencial que o opõe ao homem-no-mundo, e o aproxima, distinguindo-o do pensador ocidental. Entre nós, de fato, o indivíduo existe no mundo, aqui, somente fora do mundo, ao menos em princípio...”¹³

No entanto, apesar da analogia possível renunciante/indivíduo e suas implicações para a hipótese do nascimento da modernidade, Dumont ressalta algumas diferenças cruciais para a referida gênese. Em primeiro lugar, o fato óbvio de que, enquanto o indivíduo moderno vive no interior do mundo social, o renunciante vive fora dele. Para que, diz o autor, uma cultura verdadeiramente impregnada dos valores do individualismo possa emergir, é preciso não apenas superpor a mentalidade individual à impositiva mentalidade do grupo, mas que o “indivíduo-no-mundo” substitua a figura do “indivíduo-fora-do-mundo”. Em segundo lugar, enquanto o renunciante corresponde a um “estado social à margem da sociedade propriamente dita”¹⁴ e, portanto, trata-se de um “estado” ou uma opção para a qual nem todos estão disponíveis na medida em que esta opção se encontra limitada por considerações relativas ao grupo (o pertencimento a uma determinada casta, por exemplo),¹⁵ o individualismo moderno, por sua vez, supõe a extensão da possibilidade desta opção a qualquer homem, o que o tornaria capaz de se pensar como um indivíduo independente, autossuficiente e preocupado, acima de tudo, com o seu próprio destino.

Considerações finais

Dumont procurou no Ocidente pré-moderno um correspondente da figura do renunciante e acreditou tê-la encontrado no cristianismo original. Em sua obra “Ensaio sobre o individualismo”. Dumont caracteriza o cristianismo original do ponto de vista do tema que tratamos até então. Haveria, basicamente, um dualismo e/ou tensão que perpassaria toda a história da cultura cristã. O cristão seria, em essência, um indivíduo-fora-do-mundo em função de sua relação a Deus. Esta relação estaria em um patamar superior à realidade mundana, fundamentalmente holista, hierarquizada. A transcendência do mundo humano e das instituições sociais na relação homem /divino supõe, assim, a instauração do “valor infinito do indivíduo”, uma vez que pressupõe a desvalorização do nível

¹³ Dumont, L. *Homo hierarchicus*. Le système des castes et ses implications. Paris: Gallimard, 1967.

¹⁴ *Op.cit.*, p. 334.

¹⁵ *Ibid*, pág. 40.

mundano de realidade marcado por limites, leis e arbitrários culturais. Por outro lado, o autor ressalta que o cristianismo original é, simultaneamente, “individualismo absoluto e universalismo absoluto”. Em que sentido esta dualidade aparentemente contraditória ocorreria? “Os cristãos se reúnem em Cristo onde eles são membros”.¹⁶

Esta afirmativa sugere que a versão cristã do indivíduo fora-do-mundo denuncia a perspectiva universalista em que a relação ultramundana a Deus ocorre. Em que medida podemos medir tal perspectiva universalista? Através da noção de fraternidade. Se, de certa maneira, o cristão foge ao mundo das relações sociais e se individualiza, ele, também, cria, na sua relação filial a Deus, um sentimento de coletividade por compartilhar o mesmo valor absoluto, que define a alma individual, com toda a humanidade. É a comunhão de todos pela fraternidade que traz a tensão acima mencionada no cristianismo original: individualismo absoluto/universalismo absoluto. Dumont, também, ressalta aí uma distinção do cristianismo para com a religião indiana: o fato de que, entre os cristãos, somos todos iguais perante Deus.

É exatamente neste momento de sua análise que Dumont nos esclarece sobre o tema que tratamos, aqui, neste breve artigo. O que a modernidade faz com o pressuposto dualista cristão definiria, segundo o autor, a gênese do individualismo moderno. Em sua concepção do que seria o cristianismo original, temos, segundo Dumont, o princípio da igualdade que, inicialmente, só funciona na relação do cristão com Deus, portanto, uma relação fora-do-mundo; em segundo plano, temos, em regime de coexistência, o princípio da hierarquia regendo o mundo. Dumont nos diz que toda a história do cristianismo medieval é uma tentativa de superpor o valor ultramundano da igualdade ao valor mundano e holista de uma hierarquia estruturante do campo social. O que caracteriza o nascimento da modernidade e do individualismo moderno seria a infiltração, a contaminação da vida mundana pelo individualismo/holismo do cristianismo. A inserção deste composto no “mundo aqui embaixo” das relações sociais suporia a progressiva unificação de ambas as representações. O dualismo/tensão inicial se diluiria, abrindo a possibilidade para que o próprio mundo (leia-se a dimensão propriamente humana da existência) seja concebido como o valor supremo, o individualismo moderno teria trazido a dualidade “societas/universitas” dos “céus para a terra”, a ponto de fazer confluir em uma única realidade, o que antes (a pré-modernidade) era uma

¹⁶ Ibid, p.40

lógica binária. Segundo Dumont, no momento da instauração da modernidade e, portanto, o “indivíduo-fora-do-mundo” se torna “indivíduo-no-mundo”¹⁷.

Referências

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.
- DUARTE, L. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, M.L. (org.), **Sexualidade**. O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- DUMONT, L. **Homo hierarquicus**: le système des castes et ses implications. Paris: Ed. Du Seuil, 1983.
- _____. **Homo arqualis**. Genèse et épanouissement de l'idéologie moderne. Paris: Ed. Du Seuil, 1983.
- _____. **Essais sur l'individualisme**. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne. Paris: Ed. du Seuil, 1983.

Resumo: Este artigo visa discutir o advento da ideologia individualista na concepção do antropólogo Louis Dumont e sua associação com a modernidade. Contrapondo individualismo e holismo, duas ideologias, a princípio, antitéticas, o autor aponta a emergência do indivíduo como uma característica geral da modernidade em oposição ao caráter hierárquico e relacional das sociedades ditas tradicionais.

Palavras-chave: individualismo; modernidade; ideologia.

Abstract: This article aims at a discussion about the individualistic ideology under the conception of the anthropologist Louis Dumont and its association with modernity. Opposing individualism and holism, two antithetic ideologies, at first, the author indicates the emergency of individualism as a general characteristic of modernity opposed to the hierarchical and relational character of the so called traditional societies.

Keywords: individualismo; modernity; ideology.

Recebido em: 15/06/2019.

Aceito em: 22/08/2019.

¹⁷ Dumont aponta, entre outros elementos, o nascimento do individualismo político como um dos momentos decisivos pela diluição do dualismo cristão mencionado. Ele mostra como se processa a substituição da comunidade como “universitas”, isto é, como totalidade onde os homens são apenas partes, pela concepção onde a comunidade é uma “societas”, uma associação de indivíduos, onde as vontades individuais são a base e o fundamento da ordem política que se constrói a partir delas.